

# Vice-presidente do Citibank apressa coleta de assinaturas

**JOSÉ MEIRELLES PASSOS**  
Correspondente

WASHINGTON — O vice-presidente do Citibank, William Rhodes, revelou ontem à tarde que o Comitê Assessor dos Bancos Credores do Brasil, liderado pelo Citi, pretende começar a recolher já em fins de outubro as assinaturas dos 700 bancos daquele grupo no contrato que sela o acordo da reestruturação da dívida brasileira. Para que isso aconteça, porém, o Senado brasileiro terá de aprovar o texto final do acordo. O texto será enviado ao Congresso na próxima semana.

— Eu espero que o Senado aprove o texto do acordo com os bancos até o próximo dia 15 de outubro — disse o ministro.

O contrato, porém, só passará a vigorar depois que o Fundo Monetário Internacional (FMI) aprovar um novo programa de ajustes do país, e a estimativa é de que isso aconteça em fins de fevereiro. Rhodes contou a novidade depois de conversar com

Fernando Henrique numa suíte do Sheraton Hotel. O banqueiro disse ao ministro que gostaria de começar a reunir as assinaturas o mais rápido possível como prova da confiança dos banqueiros no país:

— Estamos otimistas quanto a possibilidade de um entendimento entre o Brasil e o FMI — disse.

Na verdade, a pressa dos bancos é resultado de seu interesse em que o contrato passe a valer logo no dia seguinte ao fechamento do acordo com o FMI. Se o comitê deixasse para começar a colher as assinaturas no final de fevereiro — data prevista para o entendimento do Brasil com o Fundo — o acordo com os banqueiros, que já está pronto, acabaria entrando em vigor só no final do primeiro semestre do ano que vem. Rhodes, que na véspera conversara com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, fazendo “lobby” para que a instituição endosse o novo plano econômico brasileiro, afirmou que Fernando Henrique não lhe adiantou nenhum detalhe sobre tal programa.

21-8-1992



**Rhodes: demonstração de confiança**

O ministro, mais tarde, diria que tem procurado manter suas idéias em sigilo por causa da revisão constitucional.

— Eu não quero me antecipar ao Congresso e, por isso, não mostro o plano agora. Temos dois cenários prontos: um programa para o caso de haver as mudanças constitucionais que esperamos, e outro para a eventualidade de tudo continuar como está — disse ele.